Recital
Revista de Educação,
Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

RECITAL ENTREVISTA O PROFESSOR DANIEL PAIVA (UNIVERSIDADE DE LISBOA)

Das Geografias Mortas às geografias Mais-Que-Representacionais

Entrevistadores

Leonardo Luiz Silveira da Silva (IFNMG campus Salinas)
Alfredo Costa (IFRS campus Caxias do Sul)
Alex Lara Martins (IFNMG campus Pirapora)

Apresentação

O Professor Daniel André Fernandes Paiva é um especialista na área de Geografia, com um doutorado concluído no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território em 2019. Além disso, ele possui um mestrado em População, Sociedade e Território pela Universidade de Lisboa, obtido em 2013, e é graduado em Estudos Europeus pela Faculdade de Letras da mesma universidade, em 2010. Atualmente, ele trabalha como pesquisador na equipe do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, onde concentra suas investigações em temas relacionados ao urbanismo afetivo e à experiência de viver em ambientes urbanos. Em particular, ele se dedica a compreender como a transformação das cidades, impulsionada pelo consumo e pelo turismo, afeta o dia a dia e as experiências das pessoas que nelas habitam.

Entrevista

Leonardo Luiz Silveira da Silva [LS]: Professor Daniel Paiva, o senhor poderia apresentar o seu percurso acadêmico e as suas áreas de interesse?

Daniel Paiva [DP]: A minha formação de base é no campo das humanidades, na área de estudos europeus, e foi na pós-graduação que encontrei a geografia e, assim, fiz o mestrado e o doutoramento em geografia no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. Eu, quando comecei o mestrado, imediatamente comecei também a fazer investigação, inicialmente em um projeto de investigação europeu que se chamava Chronotope, que se focava na dimensão temporal do planejamento das cidades, que é uma área que até essa altura tinha sido bastante negligenciada. Desde o início do meu percurso o meu interesse tem sido perceber a experiência do espaço e, em particular a experiência do espaço urbano.

Os meus estudos têm estado sempre com esse tema em comum. Inicialmente, na altura desse projeto de investigação e da minha investigação de mestrado, foquei-me muito na experiência do tempo na cidade, na sua relação com os ritmos urbanos, com a construção do espaço-tempo, e com a distribuição temporal e espacial das atividades. E foi nesse período que encontrei um interesse nas questões mais afetivas do espaço urbano. Isso foi o que me levou às Teorias Não-Representacionais, que depois desenvolvi mais enquanto estava a fazer o doutoramento, onde passei para o tema do som na cidade, ou seja, como é que as pessoas experienciam as paisagens sonoras na cidade e qual é o papel do afeto nas atmosferas e nos ritmos que são criados nesse espaço.

Depois do doutoramento surgiu um momento em que senti a necessidade de ter uma visão um pouco mais abrangente acerca do que é a experiência na cidade e de qual é o papel do urbanismo da experiência da cidade. Então, neste momento estou envolvido em dois projetos de investigação que estão a explorar esse campo: o primeiro projeto de investigação que é, talvez, o principal projeto, foca-se na cocriação de experiências de natureza urbana, e explora como é que podemos integrar o *design* urbano às geotecnologias e as artes com vista à promoção da consciência ambiental e da ação de conservação da natureza. Paralelamente, estou coordenar um projeto de investigação coletivo no qual também temos uma colaboração com o Brasil, com a Universidade Federal do Mato Grosso, onde estamos a desenvolver a aplicação de biossensores em investigação participativa no espaço urbano.

Ambos estes projetos têm vindo a perceber como é que podemos desenhar metodologias participativas que permitam integrar as pessoas e suas subjetividades na construção do espaço urbano. Olhando para o design urbano, a partir da perspectiva da experiência, a partir da perspectiva do afeto, e tentando perceber qual é esta relação performativa do que acontece na relação entre a pessoa, a materialidade do espaço urbano e as atividades que lá ocorrem. Então, de maneira resumida, acho que diria que que é este o meu percurso e são estes os meus principais interesses.

[LS]: Professor Daniel, como é que está esse campo de investigação de Teorias Não-Representacionais em Portugal? Existem alguns nomes em Portugal que estejam se destacando nesse tipo de investigação?

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 5, n. 2, mai/ago 2023.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

[DP]: Eu acho que Portugal é um caso particular naquilo que é a geografia mais abrangente das Teorias Não-Representacionais que, enquanto perspectiva teórica, tem uma geografia bastante particular. As Teorias Não-Representacionais, como vocês sabem, emergem no Reino Unido e, em particular, muito à volta de uma universidade específica que é a Universidade de Bristol, onde alguns nomes importantes aparecem, e onde muitos estudantes de doutoramento se focaram nessa perspectiva e acabaram depois também por levar esse trabalho para outras universidades. E isto se fez no Reino Unido, muito especialmente na Inglaterra e na Escócia, e acaba por espalhar um pouco pelo mundo anglófono, em particular e em espaços onde a geografia do Reino Unido tinha uma força maior, nomeadamente a Austrália e o Canadá, não tanto os Estados Unidos. Mas depois acaba por se espalhar, um pouco na Europa, mas muito mais entre aqueles países onde o inglês tinha-se tornado uma espécie de língua oficial na academia. Portanto, estamos a falar dos países da Europa, países da Escandinávia, os Países Baixos também, ou seja, alguns países que, sendo muito pequenos e tendo muito pouca gente que sabe falar aquela língua, tinham necessidade procurar o inglês como uma maneira de se relacionar internacionalmente. E isso fez com que a teoria se difundisse muito nesse espaço.

No espaço da Europa do sul, onde Portugal se localiza, existe uma dinâmica um pouco diferente. Primeiro porque o geógrafo português relaciona-se não apenas em língua inglesa em termos internacionais, mas também no espaço Iberoamericano, portanto, com países como a Espanha, obviamente, com quem temos uma relação muito próxima, e mesmo com a organização do Colóquio Ibérico de Geografia. Temos também uma relação muito próxima, obviamente, por razões linguísticas, com o Brasil, e, se calhar, temos um espaço teórico que tem uma maior massa crítica e que não tem uma influência tão direta da língua anglófona. O que significa que quando a Teoria Não-Representacional chega a Portugal, ela chega juntamente com várias outras influências e têm que dialogar com aquilo que já era dominante em Portugal. Eu diria que aquilo que é dominante em Portugal quando a Teoria Não-Representacional chega aqui é a Geografia Crítica.

Portugal tem uma certa história de geografia positivista, que era muito dominante nos anos oitenta e ainda um pouco nos anos noventa, mas começa a desvanecer um pouco neste século, embora isso ainda exista especialmente em termos de Sistemas de Informação Geográfica. Mas nos anos noventa começa a haver uma grande ligação à geografia crítica, com algum interesse em geografia marxista, no realismo crítico, algum no feminismo, algum no pós-colonialismo também, e é nesse conjunto de influências críticas que a Teoria Não-Representacional vem aparecer.

E vem aparecer então neste diálogo, que implica que, de certo modo, não encontramos propriamente trabalhos que são puramente Teoria Não-Representacional, mas trabalhos que acabam por mostrar os temas que são mais fundamentais da Teoria Não-Representacional em geografia crítica. São temas de afeto, temas de emoções, temas acerca da corporalidade, e eles aparecem muito ligados a preocupações críticas, desigualdades sociais, desigualdades econômicas, etc. Temos vários trabalhos, e posso citar alguns exemplos - embora seja sempre injusto estar a citar umas pessoas e não outras - mas acho que alguns trabalhos mostram isso muito claramente.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 5, n. 2, mai/ago 2023.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Por exemplo, os trabalhos da professora Ana Francisca Azevedo[1], que tem trabalhado com paisagem no filme, e depois mais tarde, também, com as geografias da música e do som. Tem muito esta ligação com uma certa geografia crítica, uma geografia pós-estrutural, mas também algum interesse na questão das emoções, da percepção, do afeto, da subjetividade, da paisagem. Trabalhos mais ligados às desigualdades sociais como questões de gênero e questões LGBT, como os das professoras Margarida Queirós[2] e Eduarda Ferreira[3], que trabalharam esses temas com algum interesse em esferas afetivas, na construção de espaços de subjetividade, mas também com a Teoria Feminista.

Então, há aí um certo encontro entre as duas perspectivas, e talvez alguns encontros entre perspectivas um pouco mais marxistas - ou pelo menos críticas - e questões de emoção e questões de afeto. Estou a pensar, por exemplo, em um trabalho de André Carmo[4] que foi publicado na revista Finisterra sobre murais; estou a pensar por exemplo no trabalho de Andrea Pavoni e Simone Tulumello[5] sobre segurança, espaço público, planejamento e medo, que ambos têm em comum esta questão de ligar a questão do afeto e questão das emoções às questões ligadas às desigualdades sociais e econômicas. Portanto, eu não lhe diria que existe alguém que esteja puramente ligado à Teoria Não-Representacional ou Mais-Que-Representacional, mas que existe um diálogo bastante profundo entre aquilo que são as preocupações com afeto e emoções, que são comuns à Teoria Não-Representacional, e outras preocupações que já vêm da geografia crítica.

[LS]: Eu faço um pequeno adendo à sua fala aqui pra dizer que essa postura de pesquisadores de não classificar os seus trabalhos como pertencentes a teoria é até justo com a própria ideia que traz esse conjunto de pensamento. Porque na hora que o pesquisador se identifica com uma corrente, ele está representando o seu trabalho. Ele está focando numa representação. Então essa questão de colocar o trabalho dentro de uma caixinha com limites rígidos parece incondizente com os próprios pressupostos que vem sendo pensados e desenvolvidos. Então, não me causa estranheza o senhor trazer esses elementos aqui.

Alfredo Costa [AC]: Em complementaridade ao que o Professor Leonardo falou: Professor Daniel, sabemos que é possível observar os pressupostos não-representacionais em trabalhos da Geografia Cultural. Inclusive, a gente às vezes tem a impressão de que o Brasil é a terra dos estudos de caso.

[1] AZEVEDO, A.F. (2007). **Geografia e cinema: representações culturais de espaço lugar e paisagem na cinematografia portuguesa.** Guimarães: Universidade do Minho.
AZEVEDO, A.F., FURLANETTO, B., AUGUSTO, C.A., DUARTE, M. (2021). **Geografias culturais da música, do som e do silêncio.** Guimarães: Lab2pt.
[2] COLETIVO ALEPH. Um olhar não heteronormativo sobre mobilidade e permanência em espaço urbano. **Fórum Sociológico**, 36 (1), 25-35. (2020).
[3] FERREIRA, E; SALVADOR, R. Lesbian collaborative web mapping: disrupting heteronormativity. **Portugal. Gender, Place & Culture**, 22:7, 954-970. 2015.
[4] CARMO, A.. Revolutionary landscapes: the PCTP/MRPP mural paintings in the Lisbon Metropolitan Area. **Finisterra**, 46(92). 2011. https://doi.org/10.18055/Finis1309
[5] PAVONI, A., TULUMELLO. S. **Urban Violence: Security, Imaginary, Atmosphere.** Londres: Lexington. 2023.

E aí a gente vê essas questões relacionadas à performance, ao afeto, vemos alguns estudos que tratam de relações que são trajetivas, mas que o arcabouço teórico não é propriamente mencionado. Eu queria saber depois se o senhor vê isso como um problema, ou seja, o fato de se produzir uma geografia não-representacional sem beber nas fontes não-representacionais. Parece que os autores abordam isso como se fosse algo do senso comum, mas, ao mesmo tempo, parece que ninguém se preocupa em ancorar essa discussão nos pressupostos que já são bem definidos bibliograficamente. Qual a sua opinião?

[DP]: Eu não vejo isso propriamente como um problema, porque, na verdade, não existe nada na academia que não beba de várias influências e, muitas vezes, dizemos que devemos ser interdisciplinares, multidisciplinares, transdisciplinares, quando, na verdade, isso é quase absolutamente inevitável. Uma coisa que que eu noto no espaço português - ou no espaço lusófono – é que isso não é muito discutido. Mas é discutido, sem dúvida, no espaço anglófono, é a maneira como as Teorias Não-Representacionais são uma certa idiossincrasia da geografia, que sentiu uma necessidade de dar nome a este tipo de teorias e de tentar agrupá-las dentro de uma caixa conceitual, quando outras disciplinas não sentiram propriamente essa necessidade, e relacionaram-se na mesma com conceitos de não-representação, do afeto, etc., e seguem com teorias que são talvez um pouco mais transdisciplinares, como a Teoria Do Ator-Rede, como das novas materialidades, como a teoria do afeto, como a teoria das atmosferas. A geografia teve um pouco esta idiossincrasia, de ter a necessidade de juntar estas teorias todas apenas em uma determinada caixa, como se fosse, digamos, uma espécie de receita para um trabalho geográfico, uma espécie de cardápio, de ementa, onde podemos ir buscar isto e podemos ir buscar aquilo.

E, na verdade, essa é uma abordagem relativamente artificial, porque nós não conseguimos apenas focarmos neste conjunto de Teoria De Ator-Rede, teoria de afeto, teoria de atmosferas... É normal, em todos os trabalhos, quando chegamos à parte empírica, nós bebermos de diversas fontes, de diversos trabalhos empíricos. Mesmo em trabalhos ancorados na Teoria Não-Representacional no mundo anglófono, nós vemos esta ligação à Geografia Crítica, à Geografia Pós-Fenomenológica, e à Teoria Feminista, que tem sido uma importante fonte para o trabalho sobre o corpo e sobre o afeto, e que tem influenciado muito as Teorias Não-Representacionais.

As pontes que nós encontramos no espaço lusófono - e eu acho que existe um certo encontro entre a geografia portuguesa e a geografia brasileira no sentido em que o trabalho sobre as emoções e o afeto tanto em Portugal como no Brasil tem um diálogo com a geografia crítica - esse tipo de relações entre diferentes teorias, e eu não sinto que isso seja um pouco estranho. Também acho que é normal que geógrafos brasileiros e mesmo geógrafos portugueses estejam à vontade para encontrarem maneiras de relacionar esses temas que são próprios do seu espaço e ancorados em bibliografias do seu próprio espaço. Obviamente que é muito interessante e é muito generativo ir procurar a fonte inicial e, especialmente, procurar ideias que estão de fora do nosso espaço, da nossa comunidade geográfica, porque isso é uma maneira muito generativa de encontrar algum tipo de inovação. Mas é importante não esquecermos também que o espaço lusófono é um espaço muito rico e é um espaço com uma grande tradição geográfica, portanto, é normal que mesmo dentro do nosso espaço nós encontremos inspiração suficiente para conduzir os nossos trabalhos.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 5, n. 2, mai/ago 2023.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

[LS]: Professor Daniel, falando sobre o seu texto[6], tenho observado que aqui no Brasil ele tem começado a ser citado. E eu vou profetizar aqui: o seu texto será muito citado no Brasil, mas não em 2023, talvez lá para 2027. Eu tenho a impressão que, dentro da área da geografia cultural, o Brasil está atrasado há algumas décadas. Para se ter uma ideia, a impressão que eu tenho é que a geografia de Carl Sauer ainda tem boa representação no Brasil. Outro dia eu estava conversando com um professor que trabalha nos Estados Unidos, e ele me disse que nesse país eles usam o trocadilho infame de "geografia dinosSAUER" pra se referir a fazeres geográficos antigos. Você já me adiantou algumas questões com respeito à reação ao seu texto, no sentido de o pessoal ter estranheza de você estar falando de uma coisa que todos já conhecem. Talvez eu tenha entendido mal. Mas eu queria saber mais detidamente como é que foi o retorno da sua publicação no cenário acadêmico português. Que reações você encontrou?

Daniel Paiva: Sim eu acho que o texto que que eu publiquei na Finisterra foi apenas um contributo entre diversos contributos que têm havido para o início de um diálogo que é recente, mas que é crescente sobre temas de afeto e de emoção. E eu acho que esse diálogo não é um diálogo que está propriamente restrito a Portugal. Eu acho que ele está a acontecer no espaço luso-brasileiro, pelo menos. É aí que eu sinto que não apenas é o meu trabalho, nem o grupo de investigação com quem eu trabalho, mas outros centros em Portugal têm desenvolvido reflexões próximas com geógrafos brasileiros que também estão interessados em questões ligadas ao afeto, às ambiências, à maneira como as pessoas se relacionam com o espaço, com o ambiente, de uma maneira agora talvez mais que humana, mais performativa, mais relacional, do que aquela geografia humanista, das representações, que nós víamos até muito recentemente. Eu situo textos que geógrafos têm publicado neste campo. Eu estou a pensar no Brasil em pessoas como Márcia Alves Soares da Silva[7], em pessoas como Ângelo Serpa[8], e em todos os trabalhos que têm sido publicados em revistas como a revista Geograficidade e - aqui não quero ser injusto a estar a dizer alguns nomes e não outros -, mas há muitos mais nomes que têm trabalhado isso no Brasil.

Em Portugal, também, há o trabalho de professora Ana Francisca Azevedo, e outros trabalhos que têm vindo, por exemplo, do geógrafo João Sarmento. Eu julgo que tem havido uma grande crescente do interesse destas questões que estão, talvez, na transição de uma fenomenologia para uma pós-fenomenologia, e da transição de uma geografia das representações para uma geografia dos afetos e das performances. Eu acho que é o movimento que está a acontecer. Talvez ainda seja um pouco incipiente, mas que já é notório. Em 2021 nós organizámos um evento que foi online devido ao contexto da pandemia, o Encontro Luso Brasileiro de Geografias Emocionais, e nós tivemos 120 participantes nesse evento, que é um nível notável de pessoas que estão interessados nestes temas.

[6] PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais na geografia I: conceitos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. 52, n. 106, p. 159-168, 2017. DOI: 10.18055/Finis10196
PAIVA, Daniel. Teorias não-representacionais na geografia II: métodos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, v. 53, n. 107, p. 159-168, 2018. DOI: https://doi.org/10.18055/finis10197
[7] SOARES DA SILVA, M. A. (2017). Por uma Geografia das Emoções. **GEOgraphia**, 18(38), 99-119. https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2016.v18i38.a13775
[8] SERPA, A. **Por uma Geografia dos espaços vividos.** São Paulo: Editora Contexto. 2019.

É verdade que ainda existe muita influência desta geografia humanista, mais preocupada com as representações, muito focada no sujeito. Mas acho que existe já uma certa tendência que parece tentar abrir um pouco mais esta ideia da relacionalidade, da importância da materialidade, da influência de Teoria Não-Representacional, mas também da Teoria Feminista, do novo materialismo, portanto, eu acho que existe um movimento que está a acontecer e que este foi apenas mais um contributo entre vários que têm havido.

[LS]: O nome de Nigel Thrift é, sem sombra de dúvida, uma referência dentro da corrente. Mas recentemente, o professor Thrift está afastado das atividades acadêmicas e empenhado no gerenciamento de uma usina nuclear. Eu tenho reparado que recentemente a gente não tem visto publicações acadêmicas dele. E esse grupo do Thrift - eu já vi o pessoal se referindo a ele e seus discípulos com uma alcunha alguma coisa parecida com "Golden boys" - ainda é dominante dentro da discussão europeia das Teorias Não-Representacionais, ou você vê outras dissidências? Como é que você enxerga esse estado da arte em termos desses nomes que foram pioneiros na pesquisa?

[DP]: Devo confessar que eu não conhecia esse termo dos "Golden Boys". Acerca da sua questão, há duas coisas que que eu gostaria de dizer. Primeiro é o reconhecimento do longo trabalho de Nigel Thrift e da sua contribuição para geografia. Contribuição que já tem uma longa história. Ele já publicou, pelo menos desde os anos setenta, em geografia e é um daqueles geógrafos que tem o percurso que passa por várias perspectivas teóricas. Quer dizer, ele começa ainda em um contexto quase positivista da *time-geography* e da geografia temporal, em que ele está muito preocupado e dá contributos bastante importantes para perceber como é que a geografia, de uma maneira mais quantitativa, consegue analisar os fluxos e os movimentos no espaço. Nos anos oitenta e, talvez, no início da década de noventa, aproxima-se mais de uma certa geografia pós-moderna, especialmente quando ele estuda geografia financeira e geografia econômica. Tem mais interesse nas teorias que eram dominantes na altura, muito ligadas ao pós-modernismo, e é no seguimento disso que ele acaba, de certo modo, por romper com esse pós-modernismo e começa a preocupar-se, primeiro, com as formações espaciais, que já têm uma certa ideia de performatividade do espaço. E depois começa a desenvolver estas Teorias Não-Representacionais, muito influenciado pela Teoria Ator-Rede, pela Teoria do Afeto. E eu acho que não é comum a um geógrafo, depois de uma carreira tão longa, trazer ideias inovadoras e ideias que são de certo modo disruptoras de um campo de investigação. Acho que é muito raro. Geralmente vemos isso no início de uma carreira, e não costumamos ver isso propriamente no fim de uma carreira. Eu acho que um certo desaparecer do Nigel Thrift está simplesmente relacionado com o fato de que ele chegou a uma fase da sua carreira em que é normal que acabe por publicar menos, e que outros autores venham de certo modo a dar continuidade a esse trabalho.

Eu acho que existe uma nova geração que foi influenciada pelas Teorias Não-Representacionais. Percebo que ela não teve tanto impacto naquela geração mais estabelecida de geógrafos na primeira década deste século, portanto, alguns geógrafos, como por exemplo o Tim Cresswell[9], eram muito céticos em relação às Teorias Não-Representacionais.

[9] CRESSWELL, T. Nonrepresentational Theory and Me: Notes of an Interested Sceptic. **Environment and Planning D: Society and Space**, 30(1), 96–105. 2012. https://doi.org/10.1068/d494

Geógrafos como o Tim Edensor, que talvez tenham ficado um pouco nesta transição entre uma geografia das representações e uma geografia Mais-que-Representacional. Eu acho que foi especialmente o grupo de geógrafos que estava a fazer o doutoramento mais ou menos na altura em que Nigel Thrift publicou o livro de Teoria Não-Representacional[10] que foram aqueles mais influenciados por esse título e que estão, neste momento, a dar continuidade a esse tópico. Eu estou a pensar em autores como Ben Anderson, como o Paul Simpson, o James Ash, Candice Boyd, Harriet Hawkins, Anja Kanngieser e Leila Dawney. São nomes que têm trabalhado vários campos de geografia, como a geografia política do Ben Anderson[11], as geografias de mobilidade do Paul Simpson[12], as geografias da tecnologia do James Ash[13], as geografias criativas da Candice Boyd[14] e da Harriet Hawkins[15], e as geografias de sensações, como Anja Kanngieser[16]. Eu acho que esta geração talvez tenha, de certo modo, seguido as Teorias Não-Representacionais e estão já a tentar dar um passo em frente em relação a esses temas, mas acho que, muitas vezes, hoje em dia, nas publicações desta geração já não são propriamente as Teorias Não-Representacionais que surgem como a perspectiva teórica ou o conceito fundamental. Eu acho que já existe uma evolução para outros temas que têm sido um pouco trabalhados mais profundamente.

Nomeadamente, a questão da pós-fenomenologia tem sido bastante importante e a ideia de uma certa pós-fenomenologia crítica, o que é também já o reformular das bases da Teoria Não-Representacional e um certo reconhecimento de como certas teorias, como por exemplo o ambientalismo, que estava de certo modo implícito nas Teorias Ator-Rede, do Bruno Latour[17]; ou a Teoria Feminista, que de certo modo estava implícita na preocupação com o corpo nas Teorias Não-Representacionais; acabam por ganhar uma força muito maior, e acabamos por, hoje em dia, ver algumas publicações[18] surgindo no campo da pós-fenomenologia e da fenomenologia crítica, e que procuram já ter esta ponte entre aquilo que era apenas esta preocupação com a não-representação, e com uma preocupação um pouco maior em relação à performatividade do mundo social, do mundo econômico, e do mundo político. Portanto, eu acho que existe uma certa metamorfose da teoria representacional, não propriamente um desfalecer, mas uma metamorfose.

[LS]: Há uma questão que é inevitável de não discutirmos. Já tem algum tempo que o Hayden Lorimer disse algo como: "olha, esse termo Teoria Não-Representacional é inadequado. Prefiro o termo Mais-Que-Representacional".

[10] THRIFT, N. (2008). Non-representational Theory. **Space, Politics, Affect**. Oxon: Routledge.
[11] ANDERSON, B.. Enc**ountering Affect. Capacities, Apparatuses, Conditions.** Surrey: Ashgate. 2014.
[12] SIMPSON, P.. Ecologies of Street Performance. **Bodies, Affects, Politics.** University of Bristol. 2010.
[13] ASH, J. **The interface envelope: gaming, technology, power.** London: Bloomsbury. 2015.
[14] BOYD, C., EDWARDS, C.. **Non-Representational Theory and the Creative Arts.** Londres: Palgrave Macmillan. 2019.
[15] HAWKINS, H.. **Geography, Art, Research. Artistic Research in the GeoHumanities. Londres**: Routledge. 2020.
[16] KANNGIESER, A.. **Experimental Politics and the Making of Worlds.** Londres: Routledge. 2013.
[17] LATOUR, B.. **Reassembling the Social. An Introduction to Actor-Network-Theory**. Oxford: Oxford University Press. 2005.
[18] SIMONSEN, K., Koefoed L.. **Geographies of Embodiment. Critical Phenomenology and the World of Strangers.** Londres: Sage. 2020.

Eu posso estar enganado, Professor Daniel, mas eu tenho notado que esse termo "Mais-que-Representacional" tem ganhado muito destaque nos últimos anos, e eu tenho visto mais o termo "Mais-que-Representacional" do que o "não-representacional". O senhor compartilha dessa crítica do Lorimer? E o senhor acha que faz sentido isso? Ou é apenas um imbróglio linguístico vazio?

[DP]: Eu concordo absolutamente com esse termo, até porque a ideia de chamarem "Teoria Não-Representacional" a Teoria Não-Representacional era muito provocatório. A ideia era de salientar aquilo que havia de novo, de original, e de inovador na teoria. Não é de todo colocar o não-representacional acima de tudo, até porque é impossível nós sermos completamente não-representacionais, porque quando estamos a falar do não-representacional estamos a falar daquilo que escapa toda a representação, portanto, aquilo que escapa à nossa subjetividade, àquilo que nós nem sequer nos apercebemos que está lá, apesar de efetivamente estar lá.

Quando estamos a falar "não-representacional" estamos a falar de coisas como o afeto. O afeto, resumindo muito brevemente, dando uma ideia simples, é aquilo que está entre a apreciação de uma determinada coisa e a formação de um pensamento, de uma representação, acerca dessa coisa. O afeto, é, digamos, uma certa mobilidade de estímulos que ocorre no nosso corpo, os quais nós muitas vezes nem sequer nos apercebemos que eles existem, que eles estão lá. Portanto, como é que nós podemos estudar efetivamente o afeto? É uma coisa que nós não conseguimos aceder, que nós sabemos que está lá, mas que nós não conseguimos lá chegar. E como é que nós podemos fazer uma geografia completamente focada em coisas que não são visíveis, que não são palpáveis? Isso não é propriamente possível, isso é um grande desafio da Teoria Não-Representacional, mas surge, essencialmente, não como um objetivo final, mas com uma provocação. E aqui a provocação é nós tentarmos sair um pouco da zona de conforto que existia na geografia humanista de apenas nos focarmos nas representações, de apenas nos focarmos nas narrativas, naquilo que as pessoas eram capazes de nos dizer, para passar a olhar para aquilo que as pessoas fazem, para a maneira como se comportam, para aquilo que realmente acontece no espaço.

Isto não implica um abandonar das representações, das narrativas, da subjetividade, mas uma compreensão de como essas narrativas, essas representações, emergem de uma determinada ação que se está a passar. E, portanto, existe aqui um diálogo entre o representacional e o não-representacional. Quando estamos a falar do Mais-que-Representacional é realmente o reconhecimento de que o mundo em que nós vivemos, o mundo em que nós experienciamos, é o mundo de representações. Mas é um mundo de representações que não são fixas, que não estão apenas lá. São representações que foram criadas, foram geradas e que são resultado de vários acontecimentos, eventos, relações, fluxos, de diversos elementos que existem no mundo real. A provocação aqui é tentar, metodologicamente, olhar para este movimento, para esta performatividade da vida, e perceber como é que as representações são construídas nesse contexto. Na verdade, eu penso que nunca houve uma geografia não-representacional, apenas uma geografia que pretendeu ir para além do foco na representação.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 5, n. 2, mai/ago 2023.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Alex Lara [AM]: Professor Daniel, eu vou tentar montar um quadro teórico, se me permite, antes de fazer a questão. Até onde eu pude perceber essa proposta, ou perspectiva não-representacional ou Mais-que-Representacional vai se inserir em um quadro mais amplo de rejeição, ou pelo menos de suspeita, de que a linguagem ou a representação do mundo por meio dos signos linguísticos seja a relação mais correta de lidar com o mundo. E eu falo que ele se insere no quadro mais amplo porque, como diz o filósofo Richard Rorty, lá nos Estados Unidos, o século XX pode ser considerado o século das viradas epistemológicas. Ele vai falar da *Linguistic Turn* e parece, em grande medida, que é uma perspectiva filosófica não hermenêutica - ou pragmatista -, se a gente quiser usar esse termo.

E se a gente pensar, de maneira geral, ou pelo menos nessa ideia que o Rorty traz sobre essas viradas epistemológicas; se a gente pensar na Nova História, na Escola dos *Analles*, e na própria Psicanálise - que é uma virada em direção a algo que está para além dos significados propriamente ditos, na relação entre sujeito e objeto -; ou na filosofia, se a gente pensar na virada existencialista, do Heidegger; ou do próprio Russel, na fenomenologia no século vinte, parece que essas viradas têm alguns pontos em comum, pelo menos dois. O primeiro é que é quase necessário que os trabalhos se tornem interdisciplinares. A Nova História, por exemplo, trata de temas da antropologia. O próprio Freud é quase um polímata, no sentido de traz vários temas, desde literatura até filosofia e sociologia.

E em segundo lugar, eu acho que essas viradas - pelo menos da perspectiva epistemológica – têm como referência a epistemologia moderna cartesiana, no sentido de que ela introduz a ideia de verdade como uma relação especial entre um sujeito que conhece e um objeto a ser conhecido. Esse paradigma epistemológico tem sido desestruturado, entre outras, pelas teorias decoloniais e pós-coloniais, na medida em que vão buscar desestabilizar o centro do sujeito - ou a centralidade do sujeito eurocêntrico.

As minhas perguntas, então, são as seguintes: Como é possível, na perspectiva da educação, formar um cientista nas humanidades a partir desse contexto, que exige que as pessoas fujam dos limites disciplinares que são próprios daquele *métier*? Ou seja, como a gente poderia formar um polímata? Como é possível formar alguém que seja capaz de manejar todos esses métodos, essas metodologias científicas, sem se tornarem irrelevantes? No final das contas, parece que se um sujeito for falar de tudo ao mesmo tempo, ele não terá a profundidade necessária para, de fato, ser considerado um cientista. Para haver cientificidade no que ele vai dizer, ele terá que saber de música, de física, de arquitetura, e também de muitas outras coisas ao mesmo tempo. Como formar esse sujeito? E a segunda pergunta é: seria possível essas geografias - na perspectiva ou a partir da perspectiva não-representacional - se relacionarem com Teorias Decoloniais ou Pós-coloniais? Porque essas teorias vêm, em grande medida, pautando os debates, pelo menos aqui na América do Sul. São teorias que estão na vanguarda dos debates.

[DP]: Em relação à primeira pergunta, creio que esse é um grande desafio. Um desafio que não está apenas propriamente restrito à Teoria Não-Representacional, que é um desafio muito abrangente para a academia em si. Cada vez mais os desafios globais que nós enfrentamos mostram que estes conceitos básicos que nós tínhamos, que acabavam por definir as fronteiras entre disciplinas científicas, no mundo real esbatem-se completamente.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 5, n. 2, mai/ago 2023.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Estas divisões que nós tínhamos entre natureza e cultura; entre biologia, cultura e filosofia; entre o político, o social, o econômico e o ambiental; hoje em dia quando pensamos em questões como as alterações climáticas, como a extinção das espécies, questões como a pandemia, todas elas nos levam a perceber que estas divisões que nós criamos no período modernista não se sustentam à luz dos acontecimentos que estamos a ver. E, portanto, nós precisamos de uma reformulação da nossa pedagogia no qual eu acho que teorias como as Teorias Não-Representacionais são absolutamente essenciais, tal como mesmo as Teorias Decoloniais, porque deslocam o nosso objeto de interesse, de apenas do sujeito, ou de um determinado bioma, ou de uma determinada espécie, e para relação que existe entre as coisas. Isso exige de nós, principalmente, uma reconstrução do que são as nossas metodologias de ensino e de investigação, e eu penso que aqui o que está muito em causa é também nós saímos do nosso conforto, das nossas grandes categorias e, se calhar, existem três no nosso espaço acadêmico. Seriam a Ciência e a Arte, e um espaço que talvez esteja entre a Ciência e a Arte, que seriam as Humanidades, ou a Ciências Sociais. Eu acho que cada vez mais é nas colaborações que nós podemos encontrar estes três diferentes mundos, nós conseguimos encontrar um espaço de respiração, um espaço de pensamento, para ultrapassarmos estas categorias modernistas que são muito estanques, para categorias mais em fluxo, mais performativas, que são muito importantes para nós percebermos como é que podemos ultrapassar os desafios que temos hoje em dia. Esta seria a resposta à sua primeira pergunta.

Em relação à segunda pergunta, no início, quando as Teorias Não-Representacionais emergiram, elas acabavam por deslocar, de certo modo, o foco do sujeito para performatividade, ou seja, para o processo. E isso foi criticado de certo modo por pessoas que trabalhavam em estudos pós-coloniais e estudos feministas como uma descaracterização dos grupos sociais, porque se nós apenas olhássemos para um processo, para o afeto, para a maneira como os corpos se relacionam com o ambiente de uma maneira abstrata, estamos de certo modo a apagar aquilo que seria a diversidade dos corpos, a diversidade dos ambientes e a a diversidade do tipo de relações que se pode estabelecer em cada um deles. E existem pelo menos duas perspectivas, ou dois estudos que foram bastante importantes nesse sentido: primeiro a crítica da Dyvia Tolia-Kelly[19] sobre a teoria do afeto, em que ela questionava o afeto como conceito etnocêntrico, que não tinha em conta as diferenças que podia haver entre corpos humanos e não só; e a crítica da Rachel Colls[20], a partir da perspectiva do feminismo - que também criticava uma certa homogeneidade patriarcal, nesta ideia de que o afeto seria impessoal e igual para todos – em que questiona a importância da diferenciação dos corpos em questões de afeto e em questões de atmosfera.

Eu acho importante ultrapassarmos esta ideia - que talvez se tivesse sido mais dominante no início das Teorias Não-Representacionais – de que apenas interessa o processo, e que esse processo não tem propriamente em conta as diferenciações entre corpos, entre corpos sociais, entre contextos sociais, contextos ambientais que podem haver; para o entendimento de uma fenomenologia um pouco mais crítica, um pouco mais baseada no modo como a diferenciação social e a diferenciação através do espaço importa quando nós estamos a falar de afeto, de emoções e de questões performativas.

[19] TOLIA-KELLY, D.. Affect – an ethnocentric encounter? Exploring the 'universalist' imperative or emotional/affective geographies. **Area**, 38, 213-217. 2006.
[20] COLLS, R.. Feminism, difference, and non-representational geographies. **Transactions of the Institute of British Geographers**, 37(3), 430-445. 2012.

Se nós realmente conseguirmos dar esse passo, eu creio que a Teoria Não-Representacional pode dar muito de novo aos movimentos decoloniais, pós-coloniais, ou dos movimentos críticos interseccionais que existem, porque nós vemos que hoje em dia já começa a haver muita discussão acerca de, por exemplo, a dimensão afetiva do direito à cidade.

Vemos que realmente as diferenças, a segregação, a discriminação, a exclusão, todas estas preocupações que estão implícitas na geografia decolonial e na geografia crítica tem uma dimensão corporal, tem uma dimensão afetiva, e tem uma dimensão performativa. As estruturas não existem apenas - sejam as estruturas de classe, as estruturas raciais, ou as estruturas de gênero -, elas são uma força, são o movimento e, portanto, as Teorias Não-Representacionais podem nos ajudar a perceber exatamente como é que essas forças operam e o que é que pode ser feito também para contrapor essa força das estruturas. Portanto, eu acho que existe diálogos que já estão a acontecer, mas que podem ser aprofundados e, sem dúvida, que as geografias mais-que-representacionais podem dar um contributo às geografias decoloniais.

[LS]: Professor Daniel, eu vejo que muitas vezes a voz dos excluídos acaba, até por motivos de estratégia de militância, incorporando representações. Então, o senhor foi feliz, porque na hora que aborda essa questão da performance, do afeto numa lógica de exclusão, você esfacela uma metanarrativa de resistência, não é? Uma grande fala que seja um guarda-chuva, para alcançar todo mundo. Então, como o professor disse, eu acho necessário criar outra espécie de narrativa que seja intermediadora da posição do sujeito. Mas o que me atormenta é o conceito de *assemblages*, é que já a gente já sabe que é antigo dentro da Teoria Ator-Rede. Eu queria saber como é que o pessoal tem traduzido esse conceito aí? Deixam na língua inglesa mesmo, ou eles traduzem o "assemblage" em Portugal?

[DP]: É um conceito de tradução difícil para o português, e geralmente utilizamos na sua origem, que eu gosto, e até creio que seja do francês mais do que propriamente do inglês, porque não é muito fácil arranjar uma palavra portuguesa correspondente a assemblages.

[LS]: O que se fala na literatura é que estudos sobre assemblage não devem se importar com escala. A assemblage tem uma relação entre sujeitos em rede que envolve elementos humanos e não humanos - aí entram plantas, animais, objetos -, todos relacionados em rede e que se afetam. Por isso, a literatura informa que a escala para pensar a assemblage não é tão relevante, e que o autor não deve se preocupar tanto com a escala. Mas aí vêm a questão: quando você pensa uma assemblage de que está vinculada ao âmbito de um bairro ou de uma cidade, é bem diferente de você pensar em uma assemblage escala nacional, e isso logicamente traz repercussões pra pesquisa. Então eu não consigo operacionalizar na minha mente o fato de a literatura dizer que a escala não é relevante para o pesquisador, e ao mesmo tempo enfrentar esses desafios de diferenças, de distâncias métricas, mesmo cartesianas e espaciais, para se pensar pesquisa. Como é que o senhor vê isso?

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 5, n. 2, mai/ago 2023.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Daniel Paiva: Eu discordo da ideia de que a escala deixa de ser importante. Eu acho que a questão aqui é que a escala talvez apenas deixe de ser uma escala fixa, e passe ser talvez um pouco mais maleável. Mas a questão da escala continua a ser uma questão importante. Eu acho que, talvez, nós estejamos muitas vezes a pensar ainda em termos de escalas fixas e um pouco pré-definidas, aquelas que nos são muito familiares: a escala local, a escala regional, e a escala nacional, que são ainda um pouco aquela ideia de que o Nigel Thrift e o John-David Dewsbury chamavam de Geografias Mortas[21]. Aquelas geografias que são fixas, que são pré-definidas e que são aquela representação que toda a gente reconhece, mas que não mostra propriamente o que é que poderá estar implícito nos movimentos que existem entre diferentes escalas, entre essas diferentes limitações que nós muitas vezes não questionamos no nosso dia a dia.

E o que realmente foi a contribuição deste pensamento da assemblage foi levar-nos a pensar para além de uma escala pré-definida e para pensar mais entre a relação entre o local e o global, que era uma coisa que também o Bruno Latour[22] problematizava na sua obra. Acho que aqui, quando nós pensamos em termos de assemblage, o que nos deve guiar é aquilo que o Bruno Latour - e depois muitos outros chamavam – de o "seguir a coisa", seguir o objeto de estudo e, de certo modo, deixar o objeto de estudo definir aquilo que é o seu próprio território. Isso acaba por nos permitir desvendar quais é que são as ligações entre diferentes escalas, e perceber um pouco como é que é o objeto de estudo não só opera em várias escalas, mas como por vezes é contido e por vezes é expandido entre diferentes níveis.

Pensemos em eventos como a invasão de houve aos três poderes em Brasília recentemente. Quer dizer, nós podemos pensar isto como apenas um evento que aconteceu naquele local em um determinado ano e em um determinado evento, uma determinada prática que foi localizada, mas, como é que nós podíamos pensar no que aconteceu em Brasília apenas à escala de Brasília? Temos, necessariamente, que ligar isto a uma certa atmosfera, uma certa ambiência, um certo sentimento nacional que advém das eleições nacionais. Temos de pensar isto ao nível da escala de certas tecnologias que permitiram não só a organização do próprio evento, mas também a transmissão de determinados afetos, de determinadas atmosferas que levaram a este evento. Maiormente, tem sido muito falado do papel do WhatsApp e dos grupos do WhatsApp, portanto, estamos a pensar naquele evento e temos de pensar em todas as ramificações que as redes digitais do WhatsApp permitem. Temos de pensar também nalgumas ligações internacionais que são mais difusas, que são mais escondidas, com outros movimentos de extrema direita que existem na escala planetária, desde o continente norte-americano até aqui na Europa.

Quando nós pensamos neste evento, que é localizado, nós, se seguirmos o objeto de estudo, vamos encontrar uma série de ramificações, e todas elas operam na construção de uma determinada atmosfera que levou a este determinado evento.

[21] THRIFT, N.; DEWSBURY, J.. Dead Geographies—And How to Make Them Live. **Environment and Planning D: Society and Space**, 18(4), 411-432. 2000.
[22] LATOUR, B.. **Reassembling the Social. An Introduction to Actor-Network-Theory.** Oxford: Oxford University Press. 2005.

E se nós olharmos - estou aqui a pensar em termos de geografia política - para estudos que foram feitos sobre temas semelhantes, como, por exemplo, no trabalho de Ben Anderson[23] sobre eleições nos Estados Unidos - nomeadamente eleição do Barack Obama; ou no trabalho de Angharad Closs Stephens[24] sobre atmosferas de nacionalismo, ou mesmo no trabalho de Shanti Sumartojo[25] sobre as atmosferas das comemorações nacionais, todas elas têm esta ligação entre algo que é local num determinado evento, que levou a uma determinada transformação política. Todavia, apesar de serem eventos locais, eles têm ramificações que ocorrem em outras escalas que podem ser escalas regionais, nacionais, ou supranacionais, mas que nós só sabemos exatamente quais é que são quando acabamos por seguir o objeto de estudo. Portanto, eu acho que na questão aqui há uma certa inversão daquilo que, se calhar, costumávamos fazer na nossa prática geográfica. Antigamente, nós pensávamos em qual é que era a escala do nosso objeto de análise, e depois estudávamos tudo o que estava contido desta caixa perfeita que nós criávamos. Agora, se calhar, só podemos delimitar os limites desta caixa depois de olharmos para o que é que se está a passar ali dentro, sabendo que, obviamente, a visão vai ser muito mais complexa do que do que aquela imagem limpinha que tínhamos antigamente.

[LS]: Eu vi alguns autores como o Russell Hitchings que, ao estudar o afeto entre plantas e o ser humano – que ele até se referiu no estudo como "*chains of enrollment in the gardens*", ou seja, cadeias de envolvimento nos jardins -, mostrou certa preocupação com essa questão metodológica de como é se analisa esse afeto entre espécies. E mais, já que nós estamos falando do afeto entre espécies e se a gente pensar numa relação entre pessoas e objetos? É uma via de mão única, ou também dá pra pensar em dois modos? Como é que a gente encaixa isso dentro da teoria?

[DP]: Eu acho que, se calhar, o ponto de partida para pensar esta questão é um pouco atrás, ou seja, o que é que significa pensar a partir da não representação e a partir do afeto. Quando nós pensamos na não representação e no afeto estamos a pensar em tudo aquilo que está para além daquilo que nós pensamos, daquilo que nós conseguimos representar enquanto sujeitos. E o que é que está para além disso? Está a nossa própria relação com o mundo através do nosso corpo. Portanto, estamos a pensar nos nossos sentidos, no nosso afeto cultural, na maneira como o nosso corpo, enquanto um objeto biológico, responde ao ambiente onde ele existe. E nós, obviamente, sabemos que o mundo nos afeta de maneiras que nós muitas vezes não percebemos. Muitas vezes podemos ter um ruído de fundo que não estamos propriamente a prestar atenção, mas esse ruído causa-nos um estresse, pode-nos perturbar, e podemos encontrar centenas de exemplos deste tipo.

Isto leva-nos a pensar que esta ideia do sujeito contido, que está separado do mundo, é uma ideia que na prática não se identifica.

[23] ANDERSON, B. **Encountering Affect. Capacities, Apparatuses, Conditions.** Surrey: Ashgate. 2014.
[24] CLOSS STEPHENS, A. The affective atmospheres of nationalism. **Cultural Geographies**, 23(2), 181–198. 2016. https://doi.org/10.1177/1474474015569994.
[25] SUMARTOJO, S. Commemorative atmospheres: memorial sites, collective events and the experience of national identity. **Transactions of the Institute of British Geographers**, 41: 541-553. 2016. https://doi.org/10.1111/tran.12144

Nós vemos que o nosso corpo, o nosso pensamento, a nossa subjetividade, ocorre sempre em relação a um ambiente em que nós estamos. Ninguém iria pensar em ler um livro no meio de um cruzamento de estradas. Nós pensamos em ler o livro na biblioteca, porque precisamos deste ambiente à nossa volta e que nos permita que o nosso corpo esteja num estado adequado a uma determinada prática e, portanto, nós não somos sujeitos que vivem à parte do mundo, somos sujeitos que vivem ambientes específicos, e isso é importante para nós.

Esse é, talvez, um ponto de partida para pensar nesta ideia de como é que pode haver este afeto multi-espécies. Então a ideia é de que nós, enquanto sujeitos, estamos sempre em relação com qualquer coisa. Outra ideia que é importante é que, à medida que nós pensamos que a nossa subjetividade é um produto do nosso ambiente, nós começamos também então a pensar em qual é a agência exatamente que esse ambiente tem. Quer dizer, o que é que cada objeto, cada estímulo sensorial faz que nos pode levar a mudar a nossa subjetividade, mudar as nossas práticas, a mudar os nossos comportamentos. E aí começamos a pensar exatamente em o que é a agência dos objetos e outras subjetividades não-humanas que podem estar a operar no mundo. E então já não estamos apenas a olhar para o sujeito. Já não estamos apenas a olhar para uma determinada subjetividade, se estamos a olhar para uma rede de relações.

Obviamente que existem muitos desafios práticos em termos de estudar exatamente as relações afetivas para além do humano. Porque, naturalmente, ao humano nós temos algum acesso: primeiro porque nós próprios somos humanos, depois porque podemos comunicar com outros humanos. E comunicando com os outros humanos só podemos ter algumas pistas de como é que o ambiente afeta os humanos. São as subjetividades não-humanas que temos muito mais dificuldades em chegar, apesar de que, nos últimos anos, nós temos tido alguns avanços nas humanidades e na própria geografia acerca de pensarem nessa subjetividades não-humanas. Eu estou a pensar, por exemplo, na fenomenologia das plantas, do filósofo Michael Marder[26], estou a pensar no trabalho dos geógrafos Jamie Lorimer, Timothy Hodgetts e Maan Barua sobre as atmosferas dos animais[27] que foi publicado na revista *Progress in Human Geography.* Existem algumas tentativas de olhar para a maneira como animais e plantas operam no espaço com certa subjetividade, que leva a uma certa territorialidade com a qual nós nos relacionamos no nosso dia-a-dia. Obviamente, mesmo que nós pensemos em redes de atores, e mesmo que pensemos em relações multi-espécies, temos de ter em conta que não são relações horizontais. São relações muito estruturadas por dinâmicas de poder da qual o humano tem poder sobre o planeta hoje em dia, que não é comparável a qualquer outro objeto e, portanto, temos de colocar as coisas no seu devido peso de poder e de capacidade de ação. Mas acho que cada vez mais estamos a procurar metodologicamente maneiras de explorar estas redes de relações que encontramos. Muito disto tem sido feito através de uma renovação de metodologias muito baseadas em entrevistas que se focam nas narrativas de aquilo que as pessoas podem dizer, e por ontologias mais etnográficas que se focam exatamente no que está a acontecer no espaço e em como é que podemos descrever isso.

[26] MARDER, M. **Plant-Thinking. A Philosophy of Vegetal Life.** Nova Iorque: Columbia University Press. 2013.
[27] LORIMER, Jamie; HODGETTS, Timothy; BARUA, Maan. Animals' atmospheres. **Progress in Human Geography**, v. 43, n. 1, p. 26-45, 2019. DOI: https://doi.org/10.1177/0309132517731254

E eu acho que existe algum trabalho de ponta que tenha sido feito a nível de metodologias criativas, especialmente metodologias criativas e de colaboração entre arte e ciência que procuram olhar não apenas para aquilo que as pessoas conseguem perceber, mas também para maneiras novas de olhar para o modo como tecnologias, como plantas, por exemplo, operam. Estou a pensar em alguns trabalhos que têm sido feitos por exemplo com elétrodos que captam sinais fisiológicos das plantas, e que muitas vezes são utilizados por artistas para criar música, para criar um certo entendimento de vida que existe ali. E acho que estes trabalhos criativos podem dar-nos também uma luz das diferentes relações, dos diferentes fluxos que podem haver entre o mundo natural e, digamos, os nossos muitos pessoais, subjetivos. Acho que é um trabalho que ainda está a começar, mas é acho que que é algo que será um caminho muito percorrido nas próximas décadas.

[AC]: Professor Daniel, você trouxe alguns pontos que tem me chamado atenção nos últimos anos. Muitos autores tentam declarar o fim da geografia, ou fim da história. Não me parece que esse seja caminho. O que parece é que a gente está caminhando para uma nova forma de se pensar nas Humanidades. Como se a gente estivesse voltando ao naturalismo humboltiano, de nós termos que olhar pra tudo o tempo todo, em todas as escalas e compreender todas as relações dentro de um de um cosmos. Acho que não existe ser humano capaz de fazer isso sozinho. E tem me gerado um certo incômodo a leitura de alguns trabalhos de geógrafos que são, do ponto de vista técnico, impecáveis. Mas quando a gente percebe as incursões dos autores na dimensão da subjetividade, do afeto, da introspecção, eu tenho a impressão de que a nossa formação como geógrafos possui um limite, e aí a gente acaba, às vezes, patinando no senso comum. Por exemplo, quando tratamos de barulhos que causam estresse e incômodo, ou da paz e a tranquilidade que é percebida em uma praça arquitetonicamente bem planejada. Eu sinto que nós, como geógrafos, não conseguimos avançar no âmbito dessa subjetividade. Minha questão é: será que é preciso desenhar uma linha, e a partir dessa linha começar a dialogar com outros profissionais? Quando a gente está falando da dimensão do afeto, da dimensão das performances, enfim, será que não está na hora de a Geografia começar a dialogar um pouco mais com a Psicologia, com a Medicina, com Educação Física, com as Artes, pra gente entender um pouco melhor o que são corpos no espaço, o que são corpos interagindo, o que são corpos se tocando? A gente consegue perceber muito bem, como geógrafos, as relações que as pessoas estabelecem com o espaço, mas quando a gente entra no âmbito da introspecção, eu acho que a gente encontra uma fronteira. Eu queria saber se você percebe da mesma maneira, ou seja, se identifica isso como um problema, e se existe um caminho pra gente resolver essa questão dentro da Geografia e das próprias Humanidades.

[DP]: Eu concordo completamente contigo. Eu acho que, aliás, não apenas quando estamos a pensar em Teorias Não-Representacionais, mas em toda a história da geografia, quando nós encontramos um momento em que vemos uma grande série de inovações na ciência geográfica, são sempre momentos em que existe uma grande abertura interdisciplinar. Na geografia, isso aconteceu no positivismo, aconteceu na geografia crítica e acho que está a acontecer agora, novamente, nas Teorias Não-Representacionais.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 5, n. 2, mai/ago 2023.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Muito porque esta nova perspectiva que nós estamos a tentar criar leva-nos a perceber as limitações que nós temos na nossa disciplina. Limitações que são conceituais e que são metodológicas, e eu creio que, muitas vezes, a nível conceitual, nós certamente conseguimos avançar em direção a novos conceitos, a novas teorias.

A nível metodológico, muitas vezes precisamos de instrumentos que não são aqueles que nós temos no seio da nossa disciplina. Eu acho que há aqui dois movimentos que a geografia tem efetivamente feito. Eu creio que, até mesmo no espaço Luso-brasileiro, e que são talvez o grande futuro que nós podemos encontrar da geografia, e muito inspirado pelas Teorias Não-Representacionais. Um desses movimentos é em direção às artes e às humanidades. Muito no sentido de procurar diálogo conceitual mais profundo com a filosofia, onde muitas vezes também entra a psicologia ambiental, mas também a busca de certas metodologias criativas que nos permitem ajudar a repensar a maneira como nós trabalhamos com os nossos objetos de tudo, especialmente com os participantes da nossa investigação.

Muitas vezes, quando estamos a passar de questões representacionais para questões não-representacionais, estamos a falar de coisas que de fato é que te afetam, mas que as pessoas não se apercebem delas. Estamos a falar de sensações, de afetos, e existe um trabalho que é preciso fazer com as pessoas para levar as próprias pessoas a refletirem acerca do que está a acontecer no seu mundo para evitarmos que nosso ofício seja apenas um trabalho de um geógrafo a descrever o que está a ver - o que, obviamente, é sempre uma perspectiva enviesada -, e nós precisamos de olhar para aquilo que as outras pessoas veem, aquilo que elas sentem, aquilo que elas pensam. E eu acho que a criatividade, as artes, são um meio muito poderoso para levar as pessoas a refletir acerca da sua própria condição. E acho que uma das heranças da Teoria Não-Representacional tem sido aquilo que hoje em dia se chama de geografias criativas, que buscam as artes, que buscam a criatividade como o meio de repensar os métodos mais tradicionais como a entrevista, o grupo focal, e transformá-los em workshops criativos onde as pessoas podem encontrar diferentes meios de se expressarem. Portanto, esse é um alcance que nós precisamos ter para a nossa investigação.

A outra colaboração que tem acontecido - e que eu acho que talvez seja mais incipiente, mas que está a acontecer -, é esta colaboração com a ciência, nomeadamente com a neurociência e com a psicologia. E aqui posso falar de algum trabalho que temos feito no Centro de Estudos Geográficos, com biossensores. Estamos a utilizar tecnologia que mede sinais fisiológicos das pessoas com uma aproximação àquilo que poderão ser as suas emoções que estão a acontecer num determinado lugar. Estes biossensores são aparelhos móveis que as pessoas podem utilizar, por exemplo, quando estão a caminhar por uma rua. Mede os seus sinais fisiológicos que podem estar ligados ao seu stress, ao seu nível de classes de relaxamento, e que nos permitem depois começar conversas acerca do que é que aconteceu nessa determinada caminhada. E eu estou a coordenar um projeto de investigação[28] que trabalha com estes biossensores.

[28] Projeto UrBio - Making Urban Planning and Design Smarter with Participatory Mobile Biosensing. http://ceg.ulisboa.pt/urbio/

Existe um outro projeto maior, que se chama Emotional Cities[29], no nosso centro de investigação, que é um projeto europeu coordenado pelo Professor Paulo Morgado, com uma grande quantidade de financiamento, em que estão de fato a trabalhar com a Faculdade de Medicina da nossa universidade. Portanto, existe este aproximar também da geografia e das ciências médicas que nos permite ter uma visão muito mais precisa do que é que realmente está a acontecer, e de todas estas coisas que acontecem nos nossos corpos que não nos conseguimos aperceber no nosso dia-a-dia e que não conseguimos captar através de uma entrevista tradicional. Eu acho que talvez o futuro seja explorar estes dois campos e talvez mais tarde, à frente, perceber exatamente como é que nós podemos de facto combinar estes dois campos, que é algo que não tem sido propriamente feito, mas é o grande desafio que nós temos.

[LS]: Professor Daniel, deixa eu esclarecer uma outra questão que me atormenta muito dentro desse campo, que é a seguinte: o ponto de partida nos trabalhos empíricos não-representacionais tem sido trabalhar com sujeitos que são escolhidos dentro de uma coletividade. Por exemplo, jardineiros de Liverpool, ou motoristas de Lisboa. Então, cria-se dentro de uma bolha, de uma coletividade, um meio de selecionar os sujeitos para trabalhar numa amostra, e dentro dali você faz uma reflexão sobre as relações dele, dentro da assemblage, do seu cotidiano, para perceber a geografia que acontece. Só que aí já temos um problema, porque, quando você parte do pressuposto que existe uma coletividade, parece que durante o trabalho você desconstrói que essa coletividade é una, é coesa. Dentro dela ela reúne fragmentações em que as pessoas se relacionam de uma maneira muito diferente dentro das redes afetivas em que elas estão inseridas. Então eu fico pensando: esse ponto de partida, essa escolha da amostra a ser trabalhada, já não é contraditório? Ou essa questão, para os pesquisadores, já é uma estratégia de ironizar as coletividades, ou seja, dizer que as coletividades não são aquilo que muitos julgam ser. Dentro delas existem grandes diferenças. Como é que você enxerga essa dupla questão de trabalhar com identidades dentro de uma coletividade?

[DP]: Eu acho que este é um tema muito contencioso, no qual existem perspectivas diferentes, e nem sempre concordamos. Existe aqui um problema de base - que não é propriamente uma questão exclusiva da Teoria Não-Representacional – que é uma questão de investigação qualitativa que, de amostras que são, necessariamente, de grupos pequenos de pessoas, porque, em dados qualitativos, nós nunca conseguimos ter uma amostra suficientemente grande para ser significativo em termos estatísticos. Nunca alcançamos a representatividade estatística. Portanto, exatamente que tipo de representatividade é que nós temos na investigação qualitativa? Muitas vezes a solução, a estratégia, é obtermos não um grupo que nos permita ter uma representatividade estatística, mas uma representatividade dita analítica ou teórica, no sentido em que esse grupo de pessoas representam um determinado conceito, ou as suas práticas representam um determinado processo, ou um determinado fenômeno social.

Eu acho que nas Teorias Não-Representacionais se usa uma outra estratégia, que é deslocar o foco da própria amostra e do próprio grupo de pessoas que estamos a trabalhar, para o processo que nos interessa trabalhar.

[29] Projeto Emotional Cities - Mapping the cities through the senses of those who make them. https://emotionalcities-h2020.eu/

Eu acho que essa tem sido uma das estratégias, no sentido em que dizemos que não estou propriamente a fazer um estudo sobre motoristas em Lisboa, mas estou a fazer um estudo sobre a mobilidade no contexto do turismo em Lisboa. Portanto, funda na prática, no processo, e não propriamente no grupo social. Isso tem, obviamente, uma determinada vantagem que, se calhar, até nos leva mais próximo daquele conceito que nós estamos a trabalhar. Mas também têm um perigo, que é estarmos a esbater a importância da identidade - que nunca deixa de ser importante - do meu grupo social. E aquelas críticas à Teoria Não-Representacional de Dyvia Tolia-Kelly e da Rachel Colls, que falava antes disto, tem muito a ver com esta ideia de que temos de ter em conta o que é que é particular acerca desse sujeito, sobre seu contexto social e seu contexto cultural, para perceber exatamente porque é que ele age de determinada maneira num determinado contexto. E estamos sempre aqui, num certo limbo, entre dar importância ao processo e dar importância exatamente à agência do sujeito, sabendo que embora esse sujeito esteja dissolvido em um ambiente social, num ambiente físico, ele retém sempre alguma agência própria.

Muitas vezes o que estamos a trabalhar aqui é de uma visão um pouco diferente do que são conceitos. E acho que é importante uma reflexão que foi feita pelo Derek McCormack[30] com base neste conceito deleuziano acerca do que é uma teoria, ou do que é um conceito, no sentido de pensarmos que os nossos próprios conceitos, tal como a realidade que eles pretendem representar, não são estáveis e, portanto, o conceito é, ele próprio, uma ferramenta metodológica para nos ajudar a fazer sentido de uma realidade. E quando olhamos para um determinado espaço a partir do conceito de ritmo, ou a partir do conceito de atmosfera, ou a partir do conceito de afeto, então se transforma a própria realidade e a maneira como nós a vemos, como nós a percebemos. E à medida que descrevemos uma realidade em particular, isso também vai transformar o nosso conceito, a nossa ideia de ritmo, a nossa ideia de atmosfera, a nossa ideia de afeto. Portanto tudo, de certo modo, acaba por ser mutável.

Aqui podemos até dizer que existe, na investigação que fazemos em geografias mais-que-representacionais, um certo risco epistemológico, no sentido em que a nossa epistemologia nunca é segura, nunca está garantida, ela está sempre em risco em todos os campos que nós trabalhamos, porque aquilo que nós trabalhamos pode alterar fundamentalmente. Ou, pelo menos, é isso que esperaríamos: poder alterar fundamentalmente aquilo que nós temos como conceitos e como teorias-base. Obviamente, isto dá-nos espaço para muita discussão, e eu acho que não existe neste momento, propriamente, uma resposta definitiva a esta questão. Acho que nós podemos encontrar diversas estratégias para pensar exatamente quais é que são os limites dos nossos conceitos, qual é que é a representatividade dos nossos conceitos, e acho que, acima de tudo, quem é que vai deter o poder de definir estes limites e esta representatividade. É um investigador? São sujeitos que nós investigamos? De onde é que vem a autoridade? Acho que essa acaba por ser também uma questão que precisamos sempre ter em conta.

Mas eu acho que, tal como em toda a investigação qualitativa, as questões que surgem são sempre as mesmas. São sempre as mesmas que acontecem em estudos de gênero, em estudos pós-coloniais, que é a importância de termos uma atitude crítica permanente acerca da nossa posicionalidade e acerca de um tipo de produção de conhecimento que a nossa própria estratégia metodológica vai criar. Eu acho a solução aqui é realmente cultivar essa reflexão da posicionalidade e essa crítica permanente. Acho que é a base que tem que ser do nosso trabalho.

[30] MCCORMACK, D. **Refrains for Moving Bodies: Experience and Experiment in Affective Spaces.** Durham: Duke University Press. 2013.

[AC]: À título de última questão: como é que você vislumbra o futuro das suas pesquisas, não só em termos de evolução do ponto de vista epistemológico, mas do ponto de vista da aplicação? Eu fiquei especialmente curioso quando você mencionou a pesquisa *Emotional Cities*, e quando mencionou também a questão da aplicação de sensores pra tentar, de alguma maneira, mensurar ou medir emoções, e estabelecer relações mais palpáveis entre o que o corpo diz, e o que ele comunica ao cérebro em termos de posição e tempo do sujeito no mundo. Então, como é que você vislumbra o futuro dessa pesquisa? Inclusive em termos de aplicações práticas no planejamento do espaço?

[DP]: Eu acho que nós temos dois grandes desafios nos próximos dez anos. Um deles eu não diria que é epistemológico, mas, talvez, conceitual: de tentar perceber como é que esta geografia Mais-que-Representacional e esta geografia pós-fenomenológica podem ser um instrumento para responder àquilo que são os nossos desafios globais hoje em dia. Porque cada vez mais a investigação mostra que, quando estamos a falar de combate às alterações climáticas, proteção da natureza, resposta aos desafios de discriminações interseccionais que temos na nossa sociedade; a questão subjetiva, a questão afetiva, a questão das emoções, é tão ou mais importante do que a questão das racionalidades, dos discursos, e das representações. Portanto, existe um grande contributo que nós podemos dar para ajudar a resolver questões que são prementes. E isso implica-nos a continuar a desenvolver esta relação entre o que é geografia crítica e o que é a fenomenologia, e ir em direção à pós-fenomenologia mais crítica e mais ligada àquilo que são os problemas reais, palpáveis que que nós temos à nossa frente. Muitas vezes isso implica também de sairmos um pouco do nosso seguro espaço confortável do cultural para irmos para um espaço mais abrangente do político, do social, e do económico.

O segundo grande desafio, que está relacionado com este primeiro, é realmente encontrarmos uma metodologia que nos permite dar esse contributo um pouco mais direto aos desafios que que estamos a enfrentar. Em primeiro lugar, esse desafio é, em grande parte, o desafio da participação. Quer dizer, como é que nós podemos tornar esta investigação mais participativa? Como é que podemos incluir as pessoas nos nossos projetos de investigação, e passar desta investigação de base etnográfica e narrativa para uma investigação de base de instigação à ação, à participação, de transformação social, de compromisso? Acho que há dois meios para nós alcançarmos isso, como eu já disse aqui um pouco: o primeiro é a proposição de ter esta relação mais próxima com a criatividade e com a arte, e a outra seria ter esta ligação mais forte às possibilidades que a tecnologia nos oferece hoje em dia para estarmos em contato com as pessoas.

Por um lado, as tecnologias permitem-nos ver coisas que há dez ou vinte anos não conseguíamos ver. Temos estes biossensores que nos permitem olhar para as respostas fisiológicas do corpo humano de uma maneira ambulatória, no local, à medida que estão a acontecer em tempo real, e isso oferece muito mais informação acerca da maneira como o ambiente influencia as pessoas do que nós conseguíamos anteriormente. E isso pode ser incrivelmente generativo e muito empoderador para maneira como as pessoas vão conseguir comunicar aquilo que estão a sentir e a maneira como o ambiente as afeta. Temos também uma série de tecnologias que nos permitem fazer o mesmo para uma série de animais, plantas, e para o ambiente.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 5, n. 2, mai/ago 2023.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

Temos desde já esta ideia de jardins digitais, de florestas inteligentes, e eu acho que isso pode ser muito importante para também para descentralizarmos a investigação do humano e pensarmos numa investigação mais multi-espécie e mais que humana, e também fortalecer o cunho ambiental que nós temos na geografia da percepção, na geografia subjetiva, etc.

No fundo, aquilo que talvez será mais generativo nos próximos anos será conseguir perceber como é que conseguimos combinar isto tudo para que realmente fazer não só uma geografia do que acontece, mas também fazer com as pessoas uma geografia do que é que pode acontecer, e não apenas estarmos a descrever a realidade, mas estarmos a pensar como é que nós podemos transformar em realidade. Não em isolamento, mas em trabalho com as comunidades e com as pessoas. E isso implica um certo sair da nossa zona de conforto, mas eu acho que pode ser também uma maneira de aumentar a relevância social de geografia que é, digamos, uma preocupação quase existencial da nossa disciplina.

[AM]: Eu tenho percepção de que essas viradas epistemológicas não estão ocorrendo só na geografia, mas outras áreas do conhecimento, especialmente das humanidades. E eu fico pensando que, depois que a gente faz aquela redução fenomenológica, depois que a gente encontra só o corpo, o que que a gente faz com isso? Qual é o passo seguinte? Em geral a gente tem a tendência - quase que um vício - de pensar o seguinte: como que esse sujeito dentro de um corpo dá significado ao mundo? E esse é um é um vício que a gente tem, obviamente, porque a gente tem uma tradição de busca por significados, busca por compreender o mundo através de uma linguagem, e não dar esse passo é um desafio. Por exemplo: quando eu estou ouvindo uma música eu penso não apenas no que aquilo significa pra mim, mas penso em quais afetos a atmosfera específica de uma música mobiliza. Então eu acho que esse desafio é da filosofia também. E penso que outras ciências caminham para tentar responder a essas questões sem entrar no âmbito da hermenêutica, sem procurar significado nas coisas, na relação entre o sujeito e o mundo. E eu penso que o caminho acaba sendo interdisciplinar. Então a grande questão é: como que nós vamos criar métodos pra nos aproximarmos de outras disciplinas? Seria esse o grande problema, mais do que criar métodos específicos de cada disciplina, seguido assim à risca. Então, Professor Daniel, a sua fala me provocou essa reflexão maior. Muito obrigado.

[DP]: Eu que agradeço a vocês.

Entrevista realizada em ambiente virtual.

19 de janeiro de 2023.

Agradecimentos

Agradecemos ao Professor Sérgio Lana Morais (IFNMG campus Teófilo Otoni) pelo auxílio na transcrição da entrevista.